

## Ezequiel Correa dos Santos e a Pereirina: uma glória brasileira?

Márcia R. Almeida <sup>1</sup>(PG), Nadja Paraense dos Santos <sup>1</sup>(PQ), Ângelo da Cunha Pinto<sup>1</sup> (PQ)

<sup>1</sup> Departamento de Química Orgânica, Instituto de Química, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ.

\* marcyalmeida@ig.com.br.

Palavras Chave: *Pereirina, Ezequiel Correa dos Santos, alcalóides.*

### Introdução

O Brasil, desde seu descobrimento, era visto como lugar paradisíaco. As plantas despertaram o merecido cuidado, de diversas formas. Descrivê-las era a forma de as revelar. Os cronistas inicialmente as mencionaram, depois descreveram-nas e os cientistas, mais tarde, classificaram-nas.

O processo de apropriação e certificação do conhecimento dos países dominados era baseado nas experiências da população local, do interesse pelas plantas e de suas atividades farmacológicas, principalmente pela possibilidade de fabricação de remédios valiosos e inéditos, demonstrando o poder intelectual e soberania. Este trabalho trata da recuperação da história da pereirina, um alcalóide extraído das cascas do Pau-pereira (*Geissospermum vellosii*), na farmácia de Ezequiel Corrêa dos Santos (1801-1864), em 1838, considerado por diversos autores<sup>1</sup> como o primeiro alcalóide isolado no Brasil.

### Resultados e Discussão

O farmacêutico brasileiro, Ezequiel Correa dos Santos isolou o princípio ativo das cascas do Pau-pereira, em 1838, e o descreveu como sendo um alcalóide, denominando-o pereirina. A primazia da descoberta deste alcalóide, no entanto, foi discutida desde o início tanto no Brasil quanto no exterior.

O Pau-pereira é considerado por Gustavo Peckolt (1861-1923) uma das 10 plantas brasileiras medicinais mais importante, era conhecida dos indígenas e utilizada contra impaludismo, inapetência, má digestão, tontura, prisão de ventre e como febrífugo. Devido a sua característica amarga o Pau-pereira se tornou o sucedâneo da quina tornando-se conhecido e amplamente empregado, pelos médicos da época, em diversas moléstias, principalmente contra febres.

No âmbito europeu a guerra pela primazia do isolamento da pereirina foi travada por Charles Henri Pfaff (1773-1852) e Berhend Goos (1815-1885), além de Pietro Perreti (1781-1864) e Pierre Joseph Pelletier (1788-1842) que fizeram suas análises na Europa. Robert Christian Barthold Avé-Lallemant (1812-1884), prático de farmácia alemão, instalado no Rio de Janeiro, convencido de que essas cascas dada as suas virtudes curativas seriam de interesse para

muitos pesquisadores, enviou, em 1837, 12 libras de cascas de Pau-pereira para Charles Henri Pfaff, à época um dos melhores professores alemães de Química Analítica. A análise das amostras foi feita por Goos, em 1839, sob orientação de Pfaff, tendo sido publicada no mesmo ano. Para Goos, a pereirina obtida por Ezequiel é o verdadeiro alcalóide, porém misturado com uma substância vegetal resinosa e amarga. Apesar da pereirina ter sido descrita por Ezequiel e utilizada pelos médicos do Rio de Janeiro no combate as febres, em 1838, a descoberta deste princípio ativo, é atribuída ao farmacêutico hamburguês, Goos, pelos franceses François Dorvault e por Charles Adolphe Wurtz<sup>2</sup>.

No âmbito brasileiro, a maior contestação partiu de Jean Louis Alexandre Blanc (?-1869), farmacêutico francês residente no Rio de Janeiro, que estudou e isolou o princípio ativo do Pau-pereira na mesma época que Ezequiel.

A ação terapêutica da pereirina estimulou pesquisadores de diversos países a se interessarem pela sua estrutura química e sobre outros efeitos deste alcalóide.

### Conclusões

Ao que tudo indica, o que Ezequiel Correa dos Santos considerava um único alcalóide, o qual denominou pereirina, na verdade era uma mistura complexa de alcalóides, sendo a geissospermina o alcalóide majoritário das cascas do Pau-pereira.

No caso do isolamento da pereirina, que se pensava tratar de um único alcalóide, o mais importante do que quem tenha pela 1ª vez realizado o seu suposto isolamento, é o fato de em meados do século XIX, se constatar que nas boticas do Rio de Janeiro se fazia química de produtos naturais.

<sup>1</sup>Pinto, A. C.; Silva, D. H. S.; Bolzani, V. S.; Lopes, N. P.; Epifanio, R. A.; *Quim. Nova*, **2002**, 25(sup.1), 45-61; Carrara Jr, Meirelles, H.; *A Indústria Química e o Desenvolvimento do Brasil – 1500-1889*, Metalivros: São Paulo, **1996**, tomo I; Santos Filho, L. de C.; *História Geral da Medicina Brasileira*, 2ª ed., HUCITEC/EDUSP: São Paulo, **1991**, vol.2.; Araújo, C. B. da S., *Fatos e Personagens da História da Medicina e da Farmácia no Brasil*, ed. A Noite: Rio de Janeiro, **1979**. Guimarães, M.; *The Brit. Med. J.*, **1887**, 1, 30.

<sup>2</sup> Dorvault, F.; *L' Officine ou Répertoire General de Pharmacie Pratique*, Asselin & anp. Houzeau: Paris, **1886**; Wurtz, A.; *Dictionnaire de Chimie Pure et Appliquée Compresant la Chimie*

*Sociedade Brasileira de Química ( SBQ)*

*Organique et Inorganique*; Tome second, première partie, Paris,  
Hachette, **1873**.